



SE SOU MUITO LOUCA...

Lilia Cabral vive Rita Lee no monólogo “Rita Lee: Balada da Louca”, construído a partir da segunda autobiografia da cantora. Depois de temporada de três meses de sessões esgotadas em São Paulo, o espetáculo abre novo lote de ingressos para a temporada no Teatro PRIO, que segue até 15 de novembro. Página 3

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O evento acontece no rooftop do shopping

Rafa Gomes é uma das caras novas do 5º Festival Gastronomia Sem Fronteiras, que toma o rooftop do Fashion Mall, em São Conrado, nos dias 31 de outubro, 1º, 7 e 8 de novembro, das 13h às 23h. Convidado do projeto Talento na Cozinha, o chef divide o cardápio com a Associação de Chefs França-Brasil, presidida por Frédéric Monnier, e operações da Alemanha, Itália, Portugal e Japão — Herr

Pfeffer, Babbo, Barsa e Jappa da Quitanda —, além do carioca QuiQui, sob curadoria de Elia Schramm. A feira de produtores fluminenses, inclusive do interior, vai de farofas a licores. Debates sobre gastronomia e turismo acompanham a entrada no Calendário Oficial da Cidade. Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20, meia solidária com 1 kg de alimento; até 10 anos, entrada grátis.

Livro sobre Belchior atualizado

O livro 'Viver é Melhor que Sonhar: Os Últimos Caminhos de Belchior', dos jornalistas Chris Fuscaldó e Marcelo Bortoloti, ganha segunda edição no mês no aniversário de 80 anos do artista. O lançamento será nesta segunda (26), a partir das 14h na Livraria da Travessa Botafogo com bate-papo com autores e participação de Miguel Jost. Aos completar 60 anos, Belchior deixou toda a fama para trás rumo a uma jornada incerta e anônima pelo Uruguai e, depois, pelo sul do Brasil, que terminaria com a sua morte dez anos depois.

Nos bastidores

Em 2012, depois de cinco anos sem novos álbuns e shows, os Los Hermanos se reuniram em turnê. Os bastidores do celebrado retorno compõem o documentário "Los Hermanos: Esse é só o começo do fim da nossa vida", que estreia no Curta! e está disponível no CurtaOn.

Nos bastidores II

O doc é dirigido por Maria Ribeiro, que acompanha o grupo nas apresentações em Recife, Salvador, Porto Alegre e Rio como um road movie. As cenas mostram a parceria entre os músicos, segredos e histórias sobre composições das músicas e destacam a emoção e fidelidade dos fãs.

Podcast brasileiro nos EUA

O empresário, investidor e escritor Joel Jota acaba de conquistar mais um marco em sua trajetória. À frente do Jota Jota Podcast, um dos principais programas de negócios do Brasil, ele foi escolhido pelo Spotify para participar de uma ação internacional em Nova York (EUA) com a exibição de uma divulgação do programa em um telão na movimentada Penn Plaza.



Divulgação



Divulgação

Projetos ligados à cultura funk e hip hop serão contemplados pelos editais publicados este mês

A verba cultural sobe o morro

Com inscrições abertas, pacote de editais 'Na Batida do RJ' destina R\$ 2,725 milhões a 77 projetos de funk e hip hop no estado

O funk carioca construiu sua história na contramão — dos bailes de rua dos anos 1970 aos salões de subúrbio, sempre sob suspeita e sempre buscando espaço. Em reconhecimento à sua revelância em nossa cultura popular, o governo estadual, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, lançou o pacote de editais "Na Batida do RJ", que destina R\$ 2,725 milhões à produção e difusão do funk e do hip hop em todo o território estadual.

Publicados no Diário Oficial entre 20 e 21 de outubro, os dois editais — Valorização do Movimento Funk e Movimenta Hip

Hop 2026 — selecionarão 77 propostas entre modalidades de atuação artística, eventos, oficinas e formação, com inscrições abertas de 21 de outubro a 9 de novembro pela plataforma Desenvolve Cultura.

Desse montante, R\$ 1,925 milhão, repassados pela Política Nacional Aldir Blanc, financiam o edital Valorização do Movimento Funk: 35 projetos divididos em duas vertentes. Vinte e um vídeos independentes de músicas autorais receberão R\$ 25 mil cada. Outros quatorze festivais ou eventos ficarão com R\$ 100 mil por proposta, para atividades presenciais com shows, performances, oficinas e exposições ao longo de pelo menos dois dias consecutivos, com

contribuição comprovada à economia criativa da região.

Os R\$ 800 mil restantes, divididos igualmente entre o Fundo Estadual de Cultura e uma emenda parlamentar da Alerj, bancam o Movimenta Hip Hop 2026, com 42 propostas em três frentes. Dez projetos de "Hip Hop nas Escolas" levarão oficinas de breaking, graffiti, rap e DJ a instituições públicas de ensino, a R\$ 30 mil cada. Doze produções musicais terão R\$ 25 mil para gravar faixas inéditas, e vinte rodas culturais, a R\$ 10 mil, espalharão encontros presenciais pelos territórios.

A secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa, Danielle Barros, define o espírito do pacote: investir na cultura popular é reconhecer a potência criativa que nasce nos territórios, movimenta a economia local, gera oportunidades e transforma vidas. Segundo ela, a ação pretende "ampliar o acesso aos recursos públicos, fortalecer os produtores culturais e valorizar expressões que integram a identidade do estado".

Esse respaldo para políticas voltadas ao segmento vem de longe. Em 22 de setembro de 2009, a lei estadual nº 5.543, de autoria dos então deputados Marcelo Freixo e Wagner Montes, definiu o funk como movimento cultural e musical de caráter popular e, no mesmo dia, revogou a Lei Álvaro Lins, de 2008, que impunha regras específicas a bailes funk e festas raves. O texto determina ainda que compete ao poder público assegurar festas, bailes e reuniões "sem quaisquer regras discriminatórias", e afirma que os artistas do funk são agentes da cultura popular, com direitos a ser respeitados. Dezoito anos depois, enfim, o movimento torna-se agente cultural apto a captar recursos.

Cauê Moreno/Divulgação



No palco, Lilia Cabral traz à luz reflexões de Rita após ser diagnosticada com câncer

Monólogo 'Rita Lee: A Balada da Louca' é inspirada no diário da cantora, que tornou-se sua segunda autobiografia

A Rita mais humana

“O que me apoiou na construção da personagem foram as palavras da Rita, a forma como ela transmite leveza e revolta”

LILIA CABRAL

A Rita apresentada neste monólogo assume a forma mais humana possível. Ela fala de finitude, de amor e da doença com uma coragem ímpar, sem dramas e, até mesmo, com humor. Só ela conseguiria algo assim”

GUILHERME SAMORA

Depois de três meses em cartaz em São Paulo, com ingressos esgotados antes mesmo da estreia, “Rita Lee: Balada da Louca” chega ao Rio com um novo lote de ingressos liberado. Com Lilia Cabral no papel da roqueira, a peça fica em cena no Teatro PRIO até 15 de novembro.

Ao ser diagnosticada com câncer de pulmão, em 2021, Rita decidiu escrever um diário. Do caderno nasceu “Rita Lee: Outra autobiografia”, lançado em 2023, pouco depois da morte da cantora. A obra é a base do monólogo, que repassa os últimos anos da grande ícone da MPB em 70 minutos, com as marcas que sempre a definiram: a franqueza crua — ora chocante, ora irônica, ora sutil e amorosa.

Fã da cantora desde a adolescência, Lilia conta que encontrou Rita uma única vez, em 2012, num especial do Altas Horas. “A gente se cumprimentou, se abraçou e ela se ajoelhou pertinho de mim enquanto dizia que era minha fã, o que me

emocionou”, recorda a atriz. Uma década depois, o convite para encarná-la a pegou de surpresa. “Sempre fui fã da Rita, que, para mim, é uma referência em tudo. Quando recebi esse convite, cheguei a perder

um pouco o rumo — nunca havia pensado nessa possibilidade. Curiosamente, quando comentei com algumas pessoas, elas se surpreendiam e diziam que era uma junção de mundos maravilhosa.” No palco,

sustenta Lilia, “o que me apoiou na construção da personagem foram as palavras da Rita, a forma como ela transmite leveza e revolta”.

O texto é de Guilherme Samora, jornalista e editor dos livros de Rita — o “Colecionador de mim”, como a amiga o apresentava na autobiografia. A relação começou como a de qualquer fã, com “Maria Mole” tocando no rádio, e virou quase parentesco: Rita tratava-o como filho.

Em 2012, recém-aposentada dos palcos, ela desarmou a objeção do amigo — que resistia a misturar o lado de fã com o profissional — e o chamou para escrever o primeiro volume; no texto, ele aparece como um fantasma encarregado de lembrar Rita dos momentos da carreira que ela mesma tinha esquecido. Foi também na beira do sono, em setembro de 2025, que Samora acreditou ouvir a voz da amiga sussurrar o recado que originou a peça: “Gui, precisamos transformar a segunda autobiografia em teatro”. No dia seguinte, Roberto de Carvalho, marido da cantora, deu a autorização.

“A Rita apresentada neste monólogo assume a forma mais humana possível. Ela fala de finitude, de amor e da doença com uma coragem ímpar, sem dramas e, até mes-

mo, com humor. Só ela conseguiria algo assim”, define Samora.

A direção é de Beatriz Barros, responsável pela aclamada montagem de “O Averso da Pele”, do coletivo Ocutá. “É muito especial que seja a Rita, e que ela esteja sendo representada em um espaço de intimidade, onde existe uma reflexão filosófica sobre temas tão importantes como a morte, o envelhecimento e a relação com a espiritualidade”, afirma. Com direção musical de Dani Nega, Lilia canta; a trilha reserva ainda a voz da própria Rita num acústico de “Balada do Louco”, canção que ela compôs com Arnaldo Baptista em 1972, ainda nos Mutantes.

“Como é difícil explicar a complexidade de fazer um espetáculo sobre Rita Lee. E como é fácil entender por que é possível realizá-lo: amor — por tudo o que Rita deixou como legado!”, resume Edinho Rodrigues, diretor de produção. Para Vanessa Campanari, também diretora de produção, “esse projeto nos aproxima ainda mais da Rita. É como se pudéssemos sentir sua energia, sentir-nos mais íntimos dela”.

Samora costuma chamar Rita de “a maior compositora do país”. O diário que a própria cantora via como seu “último ato” chegou às livrarias sem a autora: Rita Lee morreu em maio de 2023, aos 75 anos.

SERVIÇO

RITA LEE: A BALADA DA LOUCA

Teatro PRIO (Jockey Club - Av. Bartolomeu Mitre, 1110B, Leblon)
Até 15/11, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A primeira vez que Cibeles Amaral viu “Garagem Olimpo” (1999), de Marco Bechis, foi numa sala de cinema italiana. A experiência deixou marcas: a atriz, cineasta e produtora reconheceu na história sobre a repressão argentina uma ferida também brasileira. Anos depois, ao receber o roteiro de Retorno a Buenos Aires (longa indicado ao Leão de Ouro do Festival de Veneza, em setembro passado), a diretora de “Momento Trágico” (2003) reencontrou a mesma urgência de olhar para as ditaduras sul-americanas e para as sequelas que persistem nas vidas dos sobreviventes. Com o sucesso desse drama na Mostra de São Paulo, lembranças eclodem.

“Para mim, era um filme brasileiro. Não importa que ele se passe na Argentina”, resume Cibeles, uma das três cabeças de produção de origem brasileira que embarcaram no projeto do realizador ítalo-chileno Marco Bechis, ao lado de Patrick De Jongh e André Ristum. Essa fina identificação com o script também passava por uma lacuna histórica: enquanto a Argentina realizou julgamentos de militares envolvidos na repressão, o Brasil não percorreu o mesmo caminho. Para Cibeles, contar essa história “significava oferecer ao público brasileiro a oportunidade de confrontar uma experiência coletiva que permanece aberta”.

Na tela, está o percurso de Maria-no Guerra, personagem interpretado



Paula Cohen é uma das estrelas brasileiras em ‘Retorno a Buenos Aires’, de Marco Bechis

Veias abertas que sangram em três países

Produtores brasileiros de ‘Retorno a Buenos Aires’, Patrick De Jongh, Cibeles Amaral e André Ristum falam da parceria com o ítalo-chileno Marco Bechis, homenageado em SP

por Adriano Giannini, que retorna à Argentina após 33 anos na Itália para testemunhar no julgamento dos militares responsáveis por seu sequestro e tortura durante a ditadura. Uma juíza vivida pela paulista (de origem

uruguaia) Paula Cohen analisa o caso na corte. Essa narrativa – que terá mais uma sessão na Mostra de São Paulo nesta quarta-feira, dia 28, às 18h30, no Cultura Artística – saiu de Veneza com o prêmio Francesco

Pasinetti.

A parceria enfrentou o desafio de articular equipes e filmagens em três países, sem diluir a visão autoral do cineasta ítalo-chileno. Patrick De Jongh destaca a capacidade de Bechis

de ouvir seus colaboradores, apesar de seu perfil autoral, e de incorporar contribuições em diferentes etapas do processo. “A gente olha realmente o que é importante para contar essa história”, observa Patrick.

Mais do que cumprir uma equação financeira, a prioridade era preservar a unidade artística de um filme que atravessa diferentes territórios e períodos históricos. André Ristum também chama a atenção para a natureza coletiva desse esforço. Reunindo profissionais com experiência em direção, roteiro e outras áreas da realização cinematográfica, o grupo procurou compreender a lógica de Bechis e a linguagem que ele pretendia construir.

“A gente estava realizando uma obra de arte mesmo”, afirma Ristum, lembrando que a compreensão plena das intenções do diretor só se completou quando os produtores assistiram ao filme pronto. O resultado, em sua avaliação, dependeu justamente da capacidade de manter essa sintonia entre equipes brasileiras e italianas.

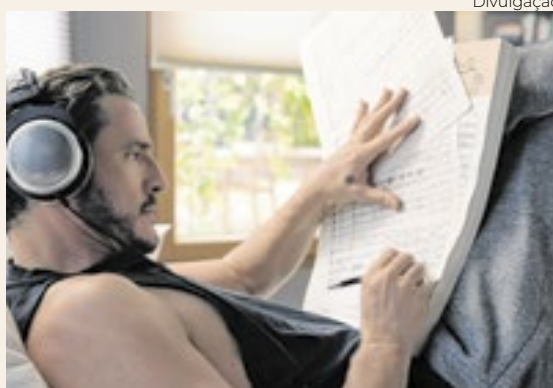
Bechis explica ao Correio que a participação brasileira “foi decisiva, com cerca de 70 profissionais envolvidos nas filmagens em Porto Alegre”, onde foi rodado aproximadamente 60% do material. “Embora nos documentos a coprodução possa aparecer definida de determinada maneira, o esforço brasileiro foi muito significativo. Sou profundamente grato aos meus parceiros”, afirma Bechis, que recebeu na quinta-feira o Prêmio Humanidade da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. “Cada pessoa deposita no filme a sua percepção e a sua imaginação”, explica o diretor. “Por isso, embora todos vejam as mesmas imagens e ouçam os mesmos sons, cada um acaba por construir o seu próprio filme. Esse processo pode enriquecer a humanidade de quem assiste”.

DICAS DE SEGUNDA

POR RODRIGO FONSECA



A. RIMBAUD, de Patrick Wang (Canadá/ EUA): O diretor de “O Luto dos Outros” (2015) joga sua mirada existencialista nos feitos que transformaram o francês Arthur Rimbaud (1854-1891) num farol lírico em meio à vertente decadentista da poesia europeia do século XIX. Mais do que inflamar leitores, com os versos de seu “O Barco Bêbado” (1871), ele desafiou tabus, em especial após seu tórrido romance com Paul Verlaine (1844–1896). No longa, Blake Draper dá vida ao poeta. Onde: Espaço Petrobras 2, 13h45



BEHEMOTH: UMA VIDA COMPOSTA EM PEÇAS (“Behemoth”), de Tony Gilroy (EUA): Cerca de 19 anos depois da consagração de seu “Conduta de Risco” (“Michael Clayton”), o roteirista e diretor por trás da série “Andor” pode emplacar uma indicação ao Oscar para o astro chileno Pedro Pascal. Ele vive o violoncelista Alex Serian, que regressa a Los Angeles após uma jornada exitosa mundo afora e reabre cicatrizes em seu regresso. Onde: CineSesc, 15h



A CONDESSA SANGRENTA (“Die Blutgräfin”), de Ulrike Ottinger (Áustria): Um trinômio do Capeta – o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquiagem exuberante de Tünde Kiss-Benke e um design de produção, assinado por Christina Schaffer, que remete para uma casa de bonecas – pavimentam o engenho excêntrico e belo deste terror. Nele, a diretora de “Joana D’Arc da Mongólia” (1989) apela para uma aristocrata vampira para alardear seu medo diante do avanço da extrema direita alemã. Onde: Espaço Petrobras 3, 21h.



‘A Odisseia’ envia seu sábio a SP

John Leguizamo, ator de origem colombiana que pode render um Oscar ao épico de renda bilionária de Christopher Nolan, ministra masterclass na maratona cinéfila paulistana

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Rodado em Hollywood, com parcerias históricas com Baz Luhrmann e com Brian De Palma (que lhe deu a célebre frase “Remember me? I’m Benny Blanco from the Bronx” em “O Pagamento Final”), John Leguizamo já demonstrou coragem numerosas vezes em uma indústria que rotula e formata latino-americanos, a serviço do que seus enlatados necessitam. Aos 66 anos, esse colombiano de Bogotá, em fricção nos EUA desde a década de 1980, já chiou contra a xenofobia por trás de termos racistas como a palavra chicano. Peitou até o ferrabrás Steven Seagal, com quem filmou “Momento Crítico” (1996), debochando do (suposto) mestre do aikidô, ao retaliar suas grosserias com colegas.

É nesse status de coragem (re)



Eumaeus (John Leguizamo) é o sábio cego de ‘A Odisseia’. O ator colombiano vai reveber nesta segunda o Prêmio Leon Cakoff

conhecida que o astro passa pelo Brasil, nesta segunda, para receber o prêmio honorário Leon Cakoff da 50ª Mostra de São Paulo, num momento de virada profissional. Seu nome dispara nas listas de especulações para o Oscar de 2027, na categoria Melhor Coadjuvante, como o cego Eumaeus, de “A Odisseia”, cuja bilheteria, à luz da excelência do realizador inglês Christopher Nolan, já ultrapassou a marca de US\$ 1,7 bilhão na venda de ingressos.

Sua homenagem na Mostra, esta noite, acontece às 20h, no Solar Sala Petrobras, onde ganhará o Leon Cakoff das mãos da diretora do evento, Renata de Almeida. Na ocasião, em

meio à honraria, ele ministra uma masterclass sobre sua forma de atuar e sobre sua travessia profissional.

No fenômeno de Nolan, Eumaeus é o principal conselheiro (e amigo) de Odisseu (Matt Damon), cuidando de seu filho (Tom Holland) e protegendo seu cão. Sabe que seu mestre é o maior arqueiro do mundo grego, na Antiguidade onde o poema de Homero se desenrola. Antes, no musical “Moulin Rouge” (2001), Leguizamo, também viveu uma figura lendária: o artista plástico Toulouse-Lautrec.

Em 1997, seu nome já havia sido associado a apostas acerca das estatuetas hollywoodianas por seu

desempenho como o vilão Viador, das HQs do “Spawn”. Como o longa baseado nesse anti-herói de Todd McFarlane não virou uma febre, sua excepcional composição para um demônio com feições de palhaço não rendeu dividendos à altura de seu trabalho.

Em 2002, já badalado em experiências teatrais, ele trabalhou num projeto icônico para as comunidades hispânicas dos Estados Unidos: “Império” (“Empire”), de Franc. Reyes, com Sonia Braga no elenco. Era uma espécie de “O Poderoso Chefão” latino, sobre o tráfico de drogas nos EUA. Na mesma época, ele se aliou ao carioca de Marechal

Hermes Carlos Saldanha na saga de animação “A Era do Gelo”, como a voz da preguiça Sid, dublado aqui por Tadeu Aguiar.

Em 2027, Leguizamo será visto ao lado de Scarlett Johansson no novo longa da franquia “O Exorcista”, chamada “Mártires”. Tem um “A Era do Gelo” inédito pela estrada também, que vai se chamar “Mundo de Lava”. Fora isso, ele trabalha ainda na versão para as telonas da série pop dos anos 1980 “Miami Vice”. Ele trabalhou no seriado, em 1986 e em 19889, com dois papéis diferentes. Saiu dela para rodar “Pecados de Guerra” (1989), de Brian De Palma, com Sean Penn e Michael J. Fox.

Uma surpresa dos diabos

Com orçamento modesto, ‘Cronovisor’ acompanha as pesquisas da filósofa Béatrice Courte

Inspirado por fatos (supostamente) reais, “Cronovisor” é uma das grandes surpresas da Mostra de São Paulo de 2026 — a maior, sem comparação, quando se pensa em emissários das veredas do terror.

Dirigido por Jack Auen e Kevin Walker, o filme transforma a suposta criação de uma máquina capaz de fotografar o passado em um pesadelo de investigação, paranoia e delírio religioso.

Com orçamento de apenas US\$ 55 mil, o longa acompanha as pesquisas de Béatrice Courte, filósofa ligada à Universidade Columbia, cuja investigação sobre o padre beneditino Pellegrino Ernetti e seu alegado cronovisor, que se converte numa obsessão que desafia os limites entre ciência, ocultismo e fé.

Entre documentos históricos, imagens granuladas em 16 mm e uma atmosfera claustrofóbica, a pro-



Supostamente real e exocmungado pelo Vaticano, o ‘Cronovisor’ tira foto de almas - e as captura

dução americana evoca “O Último Portal” (1999), de Roman Polanski, e demonstra como a imaginação pode ser mais perturbadora do que qualquer aparição sobrenatural.

Sua forma de narrar utiliza palavras como elementos visuais, destacando parágrafos de livros e colunas de jornais. Exibido no Festival de Roterdã, o longa terá mais sessão em SP nesta segunda (26), às 12h, no Cultura Artística. (R.F.)

Carioquice em tons de verde, branco e grená

Com espírito neorrealista à moda Nelson Pereira dos Santos, 'Nós Somos Do Rio de Janeiro' é uma série pilotada por Sidney Garambone com a qual a FluTV cartografa modos de viver

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Uma busca rápida pelo Fluminense Football Club no YouTube apresentaria internautas com um exercício de neorrealismo de fazer gosto a quem viu "Rio Zona Norte" (1957) e outros marcos da cartografia de esperanças de nossa cinefilia. Bamba do jornalismo esportivo, hoje em ação nas narrativas audiovisuais da dramaturgia documental serializada, Sidney Garambone fez da FluTV um cinema (online, em casa... ou, em movimento, para quem vai de celular) que registra modos cariocas de ser... de amar... de resistir... e de torcer no projeto "Nós Somos do Rio de Janeiro". Parece a estética de Nelson Pereira dos Santos ("Rio 40 Graus"), mas em modo 2026.

Veio de expressão da verve de cronista desse mestre do jornalista, essa série conta com quatro episódios já no ar, cada um dedicado a um ponto (tricolor) da cidade: Favela dos Guararapes, Zona Oeste, Mangueira e Pequena África. Num momento em que muitos times, como Flamengo e Vasco, exploram a imagem de seus ídolos em longas (vide o recente "Zico, O Samurai de Quintino"), o Flu-



No Borel, o apresentador Leandro com o craque Carlos Alberto Pintinho e o fotógrafo Daniel Planel



Filmagem da Flu-Manga, na Mangueira, com a reporter Sara Alexandre



O ator e rapper Xamã com o jornalista e equipe ao fundo com o manto verde, branco e grená



Sidney Garambone na Mangueira com o mestre de bateria Rodrigo Explosão

minense desbrava veredas entre a sociologia, a arte e o esporte com essa narrativa de imersão.

"Fazer a série 'Nós Somos do Rio de Janeiro' me fez lembrar os tempos de repórter da revista Domingo, do Jornal do Brasil, quando

escaneávamos a cidade em busca de histórias. Sendo que, agora, através das lentes da FluTV, vamos atrás de histórias que conversem com a própria história do clube. E a experiência é gratificante e prazerosa", diz Garambone.

"É o Fluminense indo atrás de sua gente e não o torcedor visitando o clube. Do ponto de vista pessoal, é emocionante conhecer a viela onde mora Rodrigo Explosão, mestre de bateria da Mangueira, visitar o depósito do armazém onde o rapper

Xamã trabalhava em Campo Grande, subir os degraus da antiga casa de Carlos Alberto Pintinho, no alto do morro do Borel. Estamos nos acostumando com a invisibilidade do outro. A série explodiu estas bolhas isoladas. Participar do CineFoot com a atual série foi uma experiência maravilhosa, porque normalmente sou espectador do festival".

O êxito de "Nós Somos Do Rio De Janeiro" amplia a relevância da FluTV como espaço gerador de tramas. Já foram rodados episódios (ainda inéditos) no Bóreu, no Rocha e nas cercanias do Maracanã. Estão em pré-produção investidas em Madureira e em Magé.

"A FluTV traz um componente muito especial, presente neste mundo novo das televisões de clube. Ela é vista pelo torcedor como um braço do clube, um canal oficial, mas sem ser vetusto. Quando chegamos uniformizados em alguma comunidade, mesmo os torcedores dos outros clubes não demonstram hostilidade, ao contrário, brincam e perguntam a razão de estarmos lá. Já o torcedor do Fluminense abre o coração sem pudor, mostra a casa, objetos, relíquias e faz questão de contar histórias familiares, como se a equipe da FluTV tivesse lugar de fala e de escuta para ele. A potência está aí. Com uma estrutura pequena, porém com passe livre para entrar não só na casa, mas na alma do torcedor".

Um dos pontos mais enriquecedores para Garambone é trabalhar com pessoas do Fluminense, intimamente ligadas ao dia-a-dia. "Leandro Carvalho, um dos apresentadores, é um canal de comunicação com as torcidas organizadas e conhece muitos personagens periféricos maravilhosos. E como é doutor em História e Sociologia, ele nos traz uma bagagem acadêmica fundamental. Sara Alexandre é uma jovem repórter da FluTV e que provoca empatia imediata quando vai conosco. O produtor Caio Blois inunda os episódios com referências culturais e as imagens de Daniel Planel são um capítulo à parte de sensibilidade", diz Garambone.

O jornalista está trabalhando também em um projeto que conte a história e a importância das músicas de arquibancada. "É sobre suas origens, como surgem, porque algumas fazem sucesso imediato com a torcida e outras são natimortas", diz Garambone, sob o contágio do cinema de não ficção. "Fiz dois curtas sobre o Bonsucesso e o São Cristóvão. É um caminho documental maravilhoso. Minha vontade é retomar isso, com outros clubes considerados pequenos da cidade. A gente vê nas redes sociais o sucesso de alguns perfis que fazem isso. As histórias não morrem. Precisamos cavá-las! Esses clubes talvez não sumam do mapa, talvez sim, mas a realidade financeira os deixou numa prateleira nostálgica. Visitá-los é como entrar de verdade num túnel do tempo. Este universo do futebol ainda resiste à modernização inevitável das cidades".

O que esperar da próxima safra brasileira?

A edição 2026 da Avaliação Nacional de Vinhos confirma duas tendências em curso: o vinho brasileiro saiu da Serra Gaúcha e ampliou o repertório de uvas

AFFONSO NUNES

Duas garrafas de Tannat dividiram as notas máximas da 34ª Avaliação Nacional de Vinhos, apresentada em 17 de outubro em Bento Gonçalves (RS): uma da Batalha Comercial de Vinhos, em Candiota, no coração da Campanha; outra da Larentis, na Serra Gaúcha. Ambas receberam 97 pontos num evento que não distribui medalhas, não elege campeões, mas serve de



Jefferson Soldi/Divulgação

O evento final da 34ª Avaliação Nacional da Safra recebeu 800 convidados entre enólogos, sommeliers, crítica especializada e apreciadores

termômetro para o que esperar da próxima safra dos vinhos brasileiros.

Os produtores não inscrevem rótulos prontos, mas amostras de variedades — vinhos de uma única casta, que poderão ser comercializados assim ou compor cortes, com a decisão final a cabendo ao enólogo.

Chegar às 16 taças que subiram ao palco leva três filtros. Entre 3 e 24 de agosto, um representante da Associação Brasileira de Enologia

(ABE) foi a cada vinícola retirar quatro garrafas direto do tanque, da barrica ou do lote engarrafado, identificadas apenas por um número, sem rótulo. De 1º a 4 de setembro, 109 enólogos passam quatro dias e oito turnos diante de 5.121 taças, em degustação às cegas sob protocolo da Organização Internacional da Vinha e do Vinho, registrando notas em computadores individuais.

Cada vinho recebe uma nota por degustador; a classificação usa a mediana, com a média simples como desempate. Ficam os 30% de maior nota de cada categoria

— não dos 558 no conjunto. Foi assim que 191 amostras de 50 vinícolas chegaram ao grupo dos mais representativos, com larga maioria gaúcha: 167, proporcional aos cerca de 90% da produção nacional que o estado responde. São Paulo somou sete; Santa Catarina e Distrito Federal, quatro cada; Bahia, três; Goiás e Minas Gerais, duas cada; Paraná e Rio de Janeiro, uma.

Mas as 16 amostras apresentadas no evento final não são as 16 maiores notas gerais. São cotas fixas por categoria — duas bases para espumante, duas de brancos não aromáticos, duas de brancos

aromáticos, uma de rosé, duas de tintos jovens e sete de tintos — preenchidas em ordem decrescente de mediana, com no máximo uma amostra por empresa e limite por variedade. Em nenhum ponto o regulamento fixa cota por estado ou região. Ao fim, um painel redegusta os escolhidos; se mais de um terço dos votos pedir a desclassificação, o vinho cai e é substituído.

As 16 garrafas reúnem doze variedades. Chardonnay e Pinot Noir aparecem como base de espumante na Casa Valduga e na Geisse e voltam em branco e tinto jovem. A Chenin Blanc da Cooperativa São João, de Farroupilha, chegou a 95 pontos; o Rebo da Campestre, de Campestre da Serra, e o Teroldego da Don Guerino, de Alto Feliz, a 96. O Marselan da Mioranza e o corte de Syrah, Marselan e Cabernet Franc da Villa Triacca completam o time das castas menos óbvias.

“Ver essa qualidade se expressar em tantos estados, com diferentes condições de clima, solo e formas de produzir demonstra a capacidade técnica dos nossos profissionais”, afirma Mário Lucas Ieggli, presidente da ABE, que completa 50 anos em 2026.

Os resultados completos, com as 16 amostras e suas notas, estão em www.enologia.org.br.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Cultura japonesa

O Carioca Matsuri 2026 acontece de 31 de outubro a 2 de novembro, no Riocentro, reunindo gastronomia, artes plásticas, música, poesia e entretenimento em uma imersão na cultura japonesa. O festival é inspirado no legado do Rio Matsuri, que reuniu historicamente mais de 120 mil pessoas. Entre os destaques gastronômicos, os chamativos doces em formato de bichos. A programação acontece das 11h às 22h. Ingressos à venda pela Ticketmaster. Crianças de até 10 anos e 11 meses têm entrada gratuita se acompanhadas por um adulto pagante.



Rodrigo Azevedo/Divulgação

Dupla gastronômica

A Burgers Rio, primeira hamburgueria no estilo smash house do Rio, e a Izzas Pizzaria, especializada em pizzas neo napolitanas, uniram forças para uma operação no Leblon. No formato store in store, as marcas compartilham o endereço, mas mantêm cozinhas, cardápios e identidades totalmente independentes. A proposta é atender grupos com diferentes preferências gastronômicas, reunindo hambúrgueres e pizzas na mesma mesa. Entre os destaques estão o Smash Bacon e as pizzas Old School e Parma.



Tomás Vélaz/Divulgação

Um sanduíche Halloween

A Low Fire Smokehouse entra no clima de Halloween com uma criação que leva a proposta da data também para o cardápio. Nos dias 30 e 31 de outubro, a casa serve o HeartBreaker, um sanduíche especial preparado com coração confitado em tallow defumado, queijo e maionese de alho, dentro de uma baguete francesa. A escolha do coração brinca com o imaginário da data, mas mantém uma das principais características da cozinha da casa: o uso do fogo, da defumação e de preparos lentos para trabalhar carnes e diferentes cortes.

SEGUNDA **NO 2**por
**FERNANDO
MOLICA**

A terapia vacilante no novo filme com Darín

Divulgação



Peretti e Darín, paciente e psicanalista; convivência turbulenta é tema do filme

Parafraseando o grande Luis Fernando Verissimo: cinema numa hora dessas? Pois é, não tem jeito, é preciso fazer algum esforço para tratar de temas que não sejam limitados pela disputa eleitoral.

O filme argentino “A terapia certa”, disponível na Netflix, é um pretexto para tentar mudar de assunto, ainda mais em um Brasil que precisaria ser colocado no divã e que tem dificuldades de enfrentar e contar a própria história.

Dirigido por Hernán Goldfrid e estrelado por Ricardo Darín e Diego Peretti, o longa-metragem parte de uma sacada original: um famoso psicanalista, Ulises Verón, revolta-se com o tratamento convencional oferecido aos pacientes e resolve passar a interferir diretamente na vida deles.

Interpretado por Darín, o sujeito faria Sigmund Freud engolir o charuto — aceso —, tamanhas barbaridades que comete para, na melhor intenções, mudar o destino de pessoas que não saem do dois pra lá, dois pra cá em suas

O psicanalista faria Freud engolir o charuto — aceso —, tamanhas barbaridades que comete para, na melhor intenções, mudar o destino de pessoas que não saem do dois pra lá, dois pra cá

existências. E, claro, provoca uma série de problemas.

O filme se fixa no caso de um escritor famoso, Martín Domenech (Peretti), que procura o psicanalista em meio a uma angústia criativa: não consegue escrever nada interessante. Isto, mesmo recorrendo ao método proposto por Ernest Hemingway e que ele adotada fazia muito tempo: escrever bêbado e revisar sóbrio.

De tanto encher a cara e manter vazio seu computador, Domenech conseguia apenas aprofundar sua dependência ao álcool. Foi então pedir ajuda ao psicanalista que lhe parecia ser o melhor disponível num país que, como Ulises frisa no início do filme, é recordista na quantidade desses profissionais.

A sacada, ótima, permite situações dramáticas e engraçadas. O problema é que o roteiro parece ter passado pela mesma crise do angustiado Ulises, sabia de onde queria sair, mas desconhecia o caminho a ser percorrido e o destino final. E aqui vem aquela história de Mallarmé, a de que bons poemas não são feitos com ideias, mas com palavras; no caso de um filme, com imagens e diálogos.

“A terapia certa” padece da incapacidade de resolver o problema causado pelo psicanalista — não basta queimar o divã, é preciso saber o que colocar em seu lugar, e é aí que Ulises e o filme se atrapalham.

Em seu terço final, o longa ensaia algumas alternativas capazes de propor um desfecho, como

em uma sequência de tentativa e erro, saídas que geram no espectador a ilusão de uma possibilidade de desfecho.

Mas, como Ulises, o roteiro acaba repetindo as trajetórias de um brinquedo comum em parques de diversões antigos, chamado de bate-bate; a graça estava em jogar aqueles carros elétricos protegidos por uma cinta de borracha uns contra os outros.

Sem saída, o filme recorre a soluções forçadas, mágicas, inverossímeis, que ora condenam atitudes do psicanalista, ora as absolvem. Pra piorar, recorre a um velho chavão, no caso, relacionado ao livro que o angustiado Domenech consegue, enfim, publicar.

Espécie de versão argentina e masculina de nossa Fernanda Montenegro — por seu talento, carisma e posicionamentos —, Darín se esforça para salvar o filme, mas não consegue impedir a frustração de quem esperava uma história capaz de entregar a expectativa gerada. Fica a sensação de que o público é que acaba sendo induzido a dar um salto no abismo.